**AS CONSOANTES DESVOZEADAS NA LÍNGUA INGLESA: DESAFIOS E AVANÇOS DE ALUNOS DE LETRAS - LÍNGUA INGLESA DO CAMEAM – UERN**

Marcos Antonio da Silva

Professor da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

E-mail: marcos.nauta@hotmail.com

**Resumo**

Para entender os processos relacionados à linguagem oral, duas áreas do conhecimento tratam da questão: Fonética e Fonologia. Dentre os vários aspectos abordados por essas duas áreas, há o desvozeamento de alguns sons consonantais; dentre eles, quatro foram objeto desse estudo: /p/, /t/, /k/, /θ/. Em função da aspiração desses sons ser mais enfática na língua inglesa, os brasileiros que estudam essa língua tendem a desvozeá-los como na língua portuguesa, descaracterizando sua produção. Decidimos, então, averiguar se isso ocorria com alunos(as) do curso de Letras - Língua Inglesa, do *Campus* Avançado “Profa. Maria Elisa de Albuquerque Maia”, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O objetivo dessa pesquisa foi descrever e comparar a pronúncia dos fonemas consonantais desvozeados da língua inglesa: /p/, /t/, /k/, /θ/, no início de palavra, em sílaba tônica, de alunos(as) do curso supracitado, antes e depois de cursarem a disciplina Fonética e Fonologia I (Inglês). Para fundamentar nosso trabalho, buscamos respaldo em Albano (2001), Silva (2005a, 2005b), Prestes (2013) e Prodanov (2013). De acordo com os resultados, há uma aprendizagem significativa no final da disciplina no tocante a questão estudada, mas, mesmo assim, a língua portuguesa ainda interfere no desvozeamento desses sons na língua inglesa, mesmo depois de estudarem e praticarem tal aspecto. Em nosso entendimento, isso indica a importância desses estudos assim como sua continuação ao longo da vida acadêmica e profissional desses então alunos(as), mas futuros professores da língua.

**Palavras chave**: Fonética. Fonologia. Sons consonantais. Desvozeamento.

**Considerações iniciais**

Para compreender os processos relacionados à oralidade, duas áreas afins tratam dos aspectos referentes aos sons da fala. Essas áreas são a Fonética e a Fonologia. Dentre os vários aspectos abordados por essas duas áreas do saber, temos o desvozeamento de sons consonantais.

Dezesseis consoantes são vozeadas e oitos são desvozeadas. Dentre as consonantes desvozeadas, quatro: /p/, /t/, /k/, /θ/, foram objeto de estudo de uma pesquisa coordenada por nós, com a participação de três alunos(as) da graduação em Letras – Língua Inglesa.

Na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) não há exigência de proficiência para ingressar no curso de Letras – Língua Inglesa. Atualmente, seu ingresso ocorre por meio do Exame nacional do Ensino Médio (ENEM).

Quando o(a) candidato(a) é admitido(a) em tal curso dessa instituição, e não tem proficiência na língua, esse(a) passa, ao longo da sua formação, por um processo de reeducação do aparelho fonador. Diferentemente do aprendizado espontâneo, o aprendizado da língua inglesa, nesse contexto, é consciente e dirigido; pois os(as) alunos(as) são orientados(as) pelo(a) professor(a) e, no terceiro período, estudam as particularidades fonéticas e fonológicas da língua ao cursarem a disciplina Fonética e Fonologia I, passando a conhecer os aspectos de cada som consonantal e vocálico, e como reproduzi-los conscientemente, assim como a prosódia da língua.

Segundo o Projeto Pedagógico do curso de Letras - Língua Inglesa, do *Campu*s Avançado “Profa. Maria Elisa de Albuquerque Maia” (CAMEAM), da referida universidade, no tocante ao perfil do formando, esse deve ter, além de vários outros conhecimentos, “domínio teórico e descritivo dos componentes fonológicos, [...]” da língua em questão. Por essa razão, entendemos que é importante a realização de pesquisas nessa área na graduação e na pós-graduação. Sendo assim, nos semestres 2015.1 e 2015.2, realizamos, no CAMEAM, a primeira pesquisa na área, intitulada “As consoantes desvozeadas /p/, /t/, /k/, /θ/ na língua inglesa: desafios e avanços de alunos(as) de Letras do CAMEAM – UERN.” Tratou-se de uma pesquisa descritivo-comparatista, de cunho qualitativo e quantitativo.

O objetivo geral dessa pesquisa foi “descrever e comparar a pronúncia dos fonemas consonantais desvozeados da língua inglesa: /p/, /t/, /k/, /θ /, no início de palavra em sílaba tônica, dos(as) alunos(as) do curso de Letras em Língua Inglesa do CAMEAM, antes de cursarem a disciplina Fonética e Fonologia I (Inglês).”

Como objetivos específicos, elencamos os seguintes:

* Verificar, no início da disciplina Fonética e Fonologia I (Inglês), a interferência da língua portuguesa na reprodução dos fonemas /p/, /t/, /k/, /θ/ na língua inglesa;
* Averiguar, no final da disciplina Fonética e Fonologia I (Inglês), se os(as) alunos(as) aprenderam a distinguir e reproduzir, conscientemente, os fonemas consonantais /p/, /t/, /k/, /θ / em ambas as línguas.

Como hipóteses, tivemos as seguintes:

a) A exposição dos(as) alunos(as) às disciplinas Fundamentos da Língua Inglesa e Língua Inglesa I, antes de cursarem a disciplina Fonética e Fonologia I (Inglês), foi suficiente para que esses passassem a desvozear os fonemas consonantais /p/, /t/, /k/, /θ / adequadamente na língua inglesa.

b) Os(as) alunos(as), embora já tenham sidos expostos à língua inglesa por dois períodos, ao cursarem as disciplinas Fundamentos da Língua Inglesa e Língua Inglesa I, não desvozeavam os fonemas consonantais /p/, /t/, /k/, /θ / adequadamente na língua inglesa.

Os dados que nos levaram aos resultados foram obtidos no início e no final da disciplina Fonética e Fonologia I (Inglês). Dados esses que podem ser verificados no final desse trabalho, que encontra-se organizado da seguinte maneira.

No segundo tópico discorremos sobre os primórdios do desenvolvimento da oralidade enquanto linguagem verbal: o porquê do seu surgimento e como aconteceu. Também tratamos dos órgãos que tornaram isso possível, assim como a divisão didática desses órgãos em três sistemas para fins de ensino e aprendizagem. Mencionamos, também, as áreas do conhecimento que dedicam-se ao estudo dos sons linguísticos: a Fonética e a Fonologia, e sua importância para a formação de professores de língua inglesa.

No terceiro tópico tratamos do objeto de nosso estudo: os sons consonantais desvozeados /p/, /t/, /k/, /θ/ da língua inglesa. Fazemos a distinção entre som vocálico e consonantal, e tratamos das características que distinguem os sons consonantais abordados em nosso estudo: *lugar de articulação*, *maneira de produção*, *vozeamento*/*desvozeamento*. Abordamos, também, o fenômeno chamado *aspiração*, aspecto preponderante em nosso trabalho; e finalizamos falando sobre o *travamento*.

No quarto tópico adentramos na metodologia adotada para a realização desse estudo. Especificamos o tipo pesquisa, o método adotado, os procedimentos e instrumentais utilizados na coleta de dados.

No quinto e último tópico constam as análises que nos levaram aos resultados presentes em nossas considerações finais. As análises foram feitas com base em dois momentos: a primeira coleta de dados, no início da disciplina; e a segunda coleta, realizada no final.

**A linguagem oral, a fonética e a fonologia**

Embora a oralidade seja a principal modalidade de comunicação, nem sempre o ser humano fez uso de uma linguagem oral, ou seja, nem sempre falou. A fala é uma habilidade, sendo assim, faz-se necessário desenvolvê-la. Para a realização de tal proeza foi preciso um longo período para que os órgãos que nos possibilitam tal façanha, assim como o cérebro humano, evoluíssem para tornar esse feito possível.

Não é possível precisar a aurora da nossa linguagem oral, mas nos é possível supor o motivo e como isso aconteceu. Provavelmente a necessidade de sobrevivência foi a mola propulsora para o seu desenvolvimento. Em um mundo primitivo e hostil, entender uns aos outros era imprescindível. Como o ser humano aprende pela observação e imitação, estudos sobre o surgimento da linguagem oral apontam para a hipótese de que os primeiros sons foram imitações da natureza. Compreender tais sons possibilitou distinguir perigo de oportunidade, e reproduzi-los tornou possível a interação, mesmo que rudimentar. Assim foram os primeiros passos da principal modalidade de interação social usada pelos seres humanos.

A linguagem verbal oral, como já dissemos, é uma habilidade que demorou bastante tempo para que os seres humanos a usassem como a linguagem complexa e dinâmica que conhecemos hoje. Mesmo com a evolução dos órgãos que tornou isso possível, assim como do cérebro, os seres humanos não nascem com esse aparato fisiológico e mental prontos para falar. Sendo a linguagem oral uma habilidade, precisa ser estimulada, e esse estímulo ocorre através do uso frequente de certos órgãos, cujo conjunto é denominado de órgãos da fala, ou aparelho fonador.

O aparelho fonador pode ser dividido, para fins didáticos, em três sistemas: sistema respiratório, sistema fonatório e sistema articulatório. Osistema respiratório é composto pelos pulmões, músculos pulmonares, tubos brônquios e pela traqueia. Sua função é a respiração. O sistema fonatório é formado pela laringe. Nela localizam-se as pregas vocais e entre essas está a glotes. A laringe funciona como uma válvula que obstrui a entrada de comida nos pulmões através do abaixamento da epiglote (a epiglote é móvel e se localiza entre a parte final da língua e acima da laringe). Já o sistema articulatório é formado pela faringe, língua, nariz, dentes e lábios. Esse sistema tem várias funções: comer, morder, mastigar, sentir o paladar, cheirar, sugar, engolir. Embora a fala não seja a função primária desses sistemas, o conjunto deles constitui o que torna possível os seres humanos emitirem sons coerentes que conhecemos como linguagem verbal oral.

Para estudar, compreender e ensinar os processos relacionados aos sons linguísticos, recorremos a duas áreas do conhecimento: Fonética e Fonologia. Segundo Albano (2001, p. 11-12), “a Fonética é uma ciência natural, que encara o som linguístico como realidade física; [...].” Essa realidade física pode ser abordada a partir de três perspectivas: a partir da sua produção (fonética articulatória), da sua percepção (fonética auditiva), e a partir da sua materialidade (fonética acústica). Já “[...] a Fonologia é uma ciência social, que encara o som linguístico como realidade semiológica, inserida no complexo sistema de signos que é a linguagem natural humana.” Essas duas áreas se complementam, sendo praticamente impossível dissociar uma da outra.

No Brasil, uma percentagem pequena tem oportunidade de aprender uma língua estrangeira ainda na infância; isso é um fator negativo, pois “[...] parece que na adolescência a capacidade das pessoas de articularem sons novos (de línguas estrangeiras) passa a ser reduzida.” (SILVA, 2005b, p. 25). Por essa razão, conhecer a realidade física do som, assim como sua realidade semiológica, é importante para futuros professores de língua inglesa.

Outro fator que justifica a importância dessas duas áreas na formação de professores de língua inglesa no Brasil é que

[...] a maioria das crianças que venham a estar expostas a uma segunda língua falarão esta língua sem qualquer sotaque. Adultos que sejam expostos a uma segunda língua, quase que em sua totalidade apresentam sotaque com características de sua língua materna. (SILVA, 2005b, p. 25).

Compreendemos que o sotaque não é problema, tratando-se de um falante não-nativo. Mas com relação a um(a) professor(a), entendemos que é importante que esse(a) saiba distinguir e reproduzir os sons da língua estrangeira que leciona, no contexto de sala de aula. Mediante o exposto, concebemos a Fonética e a Fonologia como imprescindíveis na formação de professores de língua inglesa.

**As consoantes desvozeadas /p/, /t/, /k/, /θ/ da língua inglesa**

A língua inglesa, assim como todas as línguas naturais, segundo Silva (2005b, p. 26), é composta por dois grupos de sons. O primeiro grupo corresponde aos sons vocálicos. “Vogais são sons produzidos com alterações na posição dos lábios (arredondamento/não-arredondamento) e na posição da língua na cavidade oral (quanto à altura e à anterioridade/posterioridade).” (SILVA, 2005a, p. 5). A língua inglesa tem doze sons vocálicos, sendo que oito desses são ditongos. O segundo grupo é o das consoantes. Segundo Silva (2005b, p 26), consoante é “[...] um som que seja produzido com algum tipo de obstrução nas cavidades supraglotais de maneira que haja obstrução total ou parcial da passagem da corrente de ar podendo ou não haver fricção.” Há vinte e quatro sons consonantais na língua inglesa.

Dentre as características dos sons, há o vozeamento e desvozeamento. Esse aspecto é partilhado tanto pelos sons vocálicos como pelos sons consonantais, sendo que todas as vogais são vozeadas. Já as consoantes, dezesseis são vozeadas e oito são desvozeadas. “Uma consoante é vozeada quando é produzida com a vibração das cordas vocais e é desvozeada quando as cordas vocais não vibram.” (SILVA, 2005a, p. 7). Em meio aos sons consonantais desvozeados, quatro, como já mencionamos, foram objeto de estudo de uma pesquisa coordenada por nós durante os semestres 2015.1 e 2015.2. Esses são os respectivos sons: /p/, /t/, /k/, /θ/.

Os sons consonantais /p/, /t/, /k/ são oclusivos. Isso significa que durante a sua produção ocorre obstrução da passagem da corrente de ar pelo trato vocal.

A oclusão do som consonantal /p/ ocorre entre o lábio inferior e o lábio superior. Por essa razão, ele é oclusivo bilabial. Seus correlatos ortográficos são “p” e “pp”. Pode ocorrer no início, meio e fim de palavras da língua inglesa.

Já a oclusão do som consonantal /t/ ocorre entre a ponta da língua e os alvéolos. Sendo assim, esse é oclusivo alveolar. Também ocorre no início, meio e fim de palavras. Seus correlatos ortográficos são “t”, “tt”, “ed”.

Quanto ao som consonantal /k/, sua oclusão ocorre entre a parte de trás da língua e o palato mole. Isso caracteriza-o como oclusivo velar. Seus correlatos ortográficos são “k”, “ck”, “c”, “cc”, “ch”, “cu”, “cq” e “q”. Sua ocorrência se dá no início, meio e fim de palavras, também.

O som consonantal /θ/ é fricativo. Isso porque durante sua produção ocorre fricção entre os articuladores (os dentes). Desse modo, é denominado de fricativo interdental. Seu correlato ortográfico é sempre “th”. Assim como os outros, pode ocorrer no início, meio e fim de palavras. Esse som não corre em português, exceto com pessoas que pronunciam as consoantes “s” e “z” com a língua posicionada entre os dentes da frente (interposição lingual). Esse fenômeno é conhecido como “ceceio”. Por não existir na língua portuguesa, esse som implica em maior grau de dificuldade para nativos dessa língua produzi-lo.

Durante a produção das consoantes /p/, /t/, /k/ em inglês, ocorre, de forma concomitante, um fenômeno chamado *aspiração*. “A aspiração pode ser descrita como um fluxo mais forte da corrente de ar que sai dos pulmões.” (SILVA, 2005a, p. 52). A aspiração das oclusivas desvozeadas em inglês é mais enfática quando a vogal seguinte é tônica ou acentuada, e menos explícita quando a vogal seguinte é átona. No caso da consoante /t/, geralmente a aspiração também ocorre no início de palavra, mesmo quando a vogal que vem logo em seguida não é acentuada.

Outro aspecto importante com relação às consoantes oclusivas em inglês é que, em final de palavra, elas podem ser pronunciadas com *travamento*. “O travamento diz respeito aos casos que a consoante foi articulada no final da palavra mas não ocorreu a soltura da oclusão característica das consoantes oclusivas.” (SILVA, 2005a, p. 55), como podemos constatar na pronúncia das palavras *top*, *spat*, *clock*.

**Metodologia**

Essa pesquisa configura-se como descritivo-comparatista, de cunho qualitativo e quantitativo. “Na pesquisa descritiva, se observam, analisam, classificam e interpretam os fatos, sem que o pesquisador lhes faça qualquer interferência. Assim, o pesquisador estuda os fenômenos do mundo físico e humano, mas não os manipula.” (PRESTES, p. 30, 2013).

Nossa pesquisa enquadra-se como descritiva porque nosso primeiro passo foi descrever como os alunos do terceiro período do curso de Letras - Língua Inglesa, do CAMEAM/UERN, desvozeavam os sons consonantais /p/, /t/, /k/, /θ/ antes de entenderem o conceito de desvozeamento e como fazê-lo em inglês. Esse momento da pesquisa ocorreu no início da disciplina Fonética e Fonologia I (Inglês), ministrada no semestre 2015.1.

Também a classificamos como comparatista porque de posse de como esses sons consonantais foram, no primeiro momento, desvozeados pelos(as) alunos(as), fizemos o contraste do desvozeamento desses sons na língua portuguesa. Dessa forma, pudemos analisar esse contraste para saber se a maneira como os(as) alunos(as) produziam o desvozeamento de tais sons ocorria conforme as características da língua inglesa, ou se ocorria como na língua portuguesa.

No segundo e último momento da coleta de dados, no final da disciplina Fonética e Fonologia I (Inglês), quando os(a) alunos(as) já haviam aprendido o conceito de desvozeamento e como produzi-lo em inglês, aplicamos um instrumental (uma tabela com palavras) para obter os dados finais. A partir desses dados, comparamos novamente com o desvozeamento na língua portuguesa para podermos chegar aos resultados quantitativos, e, por fim, a quantificação desses dados nos mostrou os resultados qualitativos.

Quanto ao método qualitativo, Prodanov (2013, p,70) diz que nesse

O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. Tal pesquisa é descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seus significados são os focos principais de abordagem.

Dessa forma procedemos na coleta do *corpus*, pois ela foi feita em aulas da disciplina Fonética e Fonologia I (Inglês), ministrada por nós.

*Constituição do corpus*

O *corpus* desse trabalho se constituiu, na primeira fase, de observações das primeiras aulas da disciplina Fonética e Fonologia I (Inglês). Essas observações ocorreram de forma não intervencionista pelo fato de que fomos nós a ministrar a disciplina, não causando estranhamento durante a primeira coleta de dados. Essa primeira fase da coleta buscou averiguar se os(as) alunos(as), por já terem cursado duas disciplinas de língua inglesa, desvozeavam de forma distinta os fonemas consonantais /p/, /t/, /k/, /θ/ nas línguas inglesa e portuguesa. Para isso, realizamos alguns exercícios orais em que os(as) alunos(as) pronunciaram grupos de palavras iniciadas com esses sons em sílabas tônicas. Nesse primeiro momento, quinze alunos participaram.

A segunda e última coleta do *corpus* ocorreu no final da disciplina. O instrumental usado foram quatro tabelas, cada uma contendo dez palavras com cada som consonantal pesquisado. Com exceção de /θ/, que tinha palavras com sua posição no início, meio e fim, as demais constavam os sons /p/, /t/, /k/ somente no início, em sílaba tônica. Esse momento foi intervencionista, pois, nessa fase, realizamos um encontro com cada aluno(a). Nesse encontro, pedimos que cada um(a) pronunciasse quatro grupos de palavras com os fonemas consonantais /p/, /t/, /k/, /θ/ no início delas, em sílabas tônicas. Pelo fato do som /θ/ não existir na língua portuguesa, optamos também por palavras em que ele estivesse no meio e no fim. Nesse segundo momento somente, doze alunos(as) participaram. A partir de então, pudemos dar início às análises finais e testar as duas hipóteses que nos levaram aos resultados finais da pesquisa.

**Análise dos dados**

Como já dissemos anteriormente, as consoantes /p/, /t/, /k/ são oclusivas e aspiradas. Ou seja, durante a sua produção ocorre obstrução da passagem da corrente de ar pelo trato vocal, e um fluxo mais forte da corrente de ar que sai dos pulmões. A aspiração dessas oclusivas desvozeadas é mais marcante em inglês no início de palavra quando a vogal seguinte é tônica ou acentuada; e mesmo no início de palavra com a vogal seguinte sendo átona, o som /t/ é aspirado. A aspiração é uma característica preponderante para o correto desvozeamento dessas consoantes na língua inglesa.

No primeiro momento, ou seja, no início da disciplina Fonética e Fonologia I (Inglês), constatamos a interferência da língua portuguesa no desvozeamento dos fonemas /p/, /t/, /k/, /θ/, apesar dos(as) alunos(as) já terem cursado duas disciplinas de língua inglesa: Fundamentos da Língua Inglesa, no 1º período; e Língua Inglesa I, no 2º. Percebemos que os(as) alunos(as) não aspiravam esses sons apropriadamente na língua inglesa, o que descaracteriza-os como sons dessa língua.

Com relação ao som fricativo interdental /θ/, por não fazer parte dos sons da língua portuguesa, esse não era produzido da forma correta. De fato, os(as) alunos(as) faziam o desvozeamento, mas porque confundia-o com outros três sons também desvozeados, sendo dois fricativos: /s/ e /f/, e um /t/ oclusivo.

Enquanto /θ/ é um som fricativo interdental, /s/ é fricativo alveolar, /f/ fricativo labiodental e /t/ é oclusivo alveolar. Ou seja, /s/ e /f/ têm como características comuns com /θ/ a mesma maneira de produção: fricativa, e o fato de serem desvozeados. Já /t/ compartilha como característica comum o fato de ser desvozeado. Como característica distinta, /s/, /f/ e /t/ têm lugar de articulação diferente de /θ/. Os sons consonantais /s/ e /t/ são alveolares, e /f/ é labiodental.

Na segunda fase da coleta dos dados, já no término da disciplina Fonética e Fonologia I (Inglês), os(as) alunos(as) já haviam entendido e praticado os conceitos “maneira de produção”, “lugar de articulação”, “vozeamento” e “desvozeamento”; aptos, portanto, a fazer a distinção e correta produção dos sons consonantais.

Como já mencionamos, o instrumental usado para a coleta de dados na segunda fase foram quatro tabelas, cada uma contendo dez palavras com cada som consonantal pesquisado. Passemos, então, aos resultados das análises quantitativas.

Com relação à tabela correspondente ao som /p/, dois(uas) alunos(as) pronunciaram as dez palavras com o devido desvozeamento desse som na língua inglesa. Ou seja, esses(as) dois(uas) alunos(as) obtiveram 100% de sucesso com relação ao desvozeamento do /p/ na língua inglesa. Um(a) aluno(a) teve 90% de sucesso; dois(uas) alunos(as) tiveram 80%; um(a) aluno(a) teve 70%; um(a) aluno(a) teve 50%; um(a) aluno(a) teve 30%; dois(uas) alunos(as) tiveram 10%; e somente dois(uas) alunos(as) não desvozearam o /p/ corretamente.

Com relação à coluna do som /t/, três alunos(as) pronunciaram as dez palavras com o devido desvozeamento desse som. Dois(uas) alunos(as) tiveram 90% de sucesso; um(a) aluno(a), 80%; cinco alunos(as), 60%; e um(a), 30%.

Na coluna do som /k/, dois(uas) alunos(as) obtiveram 100% de sucesso desvozeando o /k/ adequadamente. Um(a) aluno(a) teve 90% de sucesso; um(a) aluno(a), 80%; um(a) aluno(a), 70%; três alunos(as), 60%; um(a) aluno(a), 50%; um(a) aluno(a), 30%; um(a) aluno(a), 10%; e dois(uas) alunos(as) não desvozeou o /k/ corretamente.

Para finalizar, na coluna com as palavras com o som /θ/, quatro alunos(as) tiveram 100% de sucesso no desvozeamento desse. Um(a) aluno(a) teve 90% de sucesso, um(a) aluno(a) teve 60%; um(a) aluno(a), 50%; dois(uas) alunos(as), 40%; um(a) aluno(a), 30%; e dois(uas) alunos(as) não desvozearam o /θ/ devidamente.

Como podemos constatar, três alunos(as) ficaram com o desempenho inferior a 50% com relação ao desvozeamento de /p/, e dois(uas) não conseguiram desvozeá-lo devidamente. Com relação ao som /t/, somente o desempenho de um(a) aluno(a) ficou abaixo dos 50%. Já com o som /k/, dois(uas) alunos(as) ficaram com desempenho abaixo de 50%, e um(a) não desvozeou apropriadamente. E, para finalizar, com relação ao som /θ/, três alunos(as) tiveram desempenho abaixo de 50%, e dois(uas) não desvozearam corretamente.

Entendemos que, no geral, houve uma assimilação produtiva com relação ao entendimento e produção do desvozeamento dos sons consonantais /p/, /t/, /k/ na língua inglesa; assim como entendimento de como o som /θ/ é produzido e o porquê da dificuldade de nativos da língua portuguesa em fazê-lo.

**Considerações finais**

Como já sabemos, os seres humanos nem sempre falaram. Mas em algum momento da sua trajetória começaram a emitir os primeiros sons com propósitos comunicativos. Nesse desconhecido momento, podemos dizer que começou o desenvolvimento da linguagem verbal oral que culminaria na linguagem complexa e dinâmica que usamos nos dias de hoje.

Os órgãos que nos possibilitam falar não têm como função primária a oralidade, mas sua evolução, impulsionada pelo instinto de sobrevivência, assim como a evolução do nosso cérebro, tornou isso possível.

Mesmo depois do longo processo evolutivo desses órgãos, que conhecemos como aparelho fonador, não nascemos falando. Como a fala é uma habilidade, temos que desenvolvê-la ao longo da vida.

Para compreendermos os processos relacionados a essa habilidade tão complexa, que originou os sons linguísticos, recorremos à Fonética e à Fonologia. Dentre os vários aspectos que essas áreas afins tratam com relação aos sons da fala, realizamos esse estudo, nos semestres 2015.1 e 2015.2, no curso de Letras – Língua Inglesa, do CAMEAM, tradando dos sons consonantais /p/, /t/, /k/, /θ/, focando no desvozeamento desses sons na língua inglesa.

A análise dos dados do primeiro momento, coletados no início da disciplina Fonética e Fonologia I (Inglês), nos mostraram que, embora os(as) alunos(as) já tivessem cursado duas disciplinas de língua inglesa: Fundamentos da Língua Inglesa e Língua Inglesa I, a língua portuguesa interferia no desvozeamento dos sons consonantais objeto desse estudo. Como o desvozeamento desses sons em língua inglesa é mais enfático, o que exige de falantes da língua portuguesa certa artificialidade na sua produção, os(as) alunos(as) não desvozeava-os corretamente. Os desvozeamento desses sons, nesse primeiro momento, foi feito tal qual como na língua portuguesa.

A análise dos dados do segundo momento, coletados no final da disciplina já mencionada, nos mostraram que a aspiração mais enfática dos sons /p/, /t/, /k/ na língua inglesa ainda representava problema para os(as) alunos(as), mesmo depois de terem estudado os conceitos e praticado o desvozeamento desses sons na língua em questão. Quanto ao som /θ/, por não existir em nossa língua, causou mais dificuldade. Somente quatro alunos(as), de um total de doze, conseguiram cem por cento de sucesso no desvozeamento.

Entendemos que a pesquisa concretizou seu objetivo geral, pois descrevemos, no primeiro e no segundo momento, a pronúncia dos alunos com relação aos sons /p/, /t/, /k/, /θ/ da língua inglesa, e depois as comparamos para averiguar o progresso deles(as) com relação ao seu desvozeamento. Quanto aos equívocos de pronúncia dos sons estudados, mesmo depois dos(as) alunos(as) terem cursado toda a disciplina Fonética e Fonologia I (Inglês), compreendemos que o aprendizado de uma língua é contínuo e se faz necessário imergir constantemente em seu universo para que a pronúncia seja melhorada.

Esperamos que esse estudo poda ajudar a estimular a realização de outros dessa natureza, assim como despertar cada vez mais o interesse dos(as) alunos(as) por essas duas áreas (a fonética e a fonologia) tão importantes na formação de professores da língua inglesa.

**Referências**

ALBANO, Eleonora Cavalcante. O gesto e suas bordas: esboços de fonologia acústico-articulatória do português brasileiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001.

PRESTES. M. L. M. A pesquisa e a construção do conhecimento científico: do planejamento aos textos, da escola à academia. 4. ed. São Paulo: Rêspel, 2013.

PRODANOV, C. C. Métodologia do trabalho cientifico: Métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

Projeto Pedagógico do Curso de Letras, CAMEAM, UERN. Volume I. 2008.

SILVA, Cristófaro Thaïs. Pronúncia do inglês: para falantes do português brasileiro: os sons. Belo Horizonte, BH: FALE, UFMG, 2005a.

SILVA, Cristófaro Thaïs. Fonética e Fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios. 8. ed. São Paulo, SP: Contexto, 2005b.